

JOEL SERRÃO

Para a história da cultura do
século XIX português



(Separata do n.º 13 da *Revista de História*)



1953

CONFERÊNCIA

A António Sérgio,
com consideração e gra-
tidão, este projecto de
trabalho.

Let. 19 Maio 1953

Fael Serro

PARA A HISTÓRIA DA CULTURA DO SÉCULO XIX PORTUGUÊS (1)

6768

A Vitorino Magalhães Godinho

Se uma das mais veementes preocupações do homem é compreender claramente o seu tempo, as forças que nele se chocam e degladiam; se o futuro será, em grande parte, o que a ação humana modelar de harmonia com as forças em jôgo — uma e outra coisa serão certamente prejudicadas se na nossa mente de homens de 1952 não existirem noções claras e objetivas acerca do nosso comum passado. A dignidade da história chama-se busca da objetividade; todavia, a objetividade da pesquisa histórica não é sinónimo de alheamento dos problemas e dos dramas do nosso tempo, nem passividade ante os indecisos contornos do futuro. Paraphraseando Unamuno: o historiador que não seja um homem, será tudo que quizerdes excepto historiador. Poderá, acaso, ser útil antiquário, um escabichador de miudezas muitas vezes necessárias; todavia, a aridez da sua pesquisa não será cortada por um único raio de esperança que contribua para dar sentido à vida dos homens, à nossa vida. Daí, a responsabilidade da ciência histórica duplamente porque, além de ciência que busca entrever o passado tal qual êle teria sido, necessariamente mergulha suas raízes na problemática do nosso tempo. Isto, porém, não significa, previna-se a tempo qualquer possível equívoco, que a história possa existir independentemente de atitude científica de quem a enfrente. Não; "estudo cientificamente conduzido", aproximar-se-á tanto mais do seu objecto quanto mais exemplares forem os rigores, as cautelas, e mais aperfeiçoadas as técnicas mediante as quais, e *apenas mediante as quais*, poderemos ter a justa pretensão de compreender as épocas passadas na sua especificidade temporal. Quer isto, afinal, dizer que a história tanto como a física ou qualquer outra ciência nada tem, hoje, que ver com o amadorismo. Se, em última análise, todo o passado pode importar à compreensão do pre-

(1). — Conferência proferida no Institut Français, de Lisboa, em maio de 1952.